

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE – UERN
CAMPUS AVANÇADO DE PATU - CAP
DEPARTAMENTO DE LETRAS
CURSO DE LETRAS

LUANA FERREIRA DE ALMEIDA

CONCEPÇÕES DISCENTES SOBRE CONTRIBUIÇÕES DO ENSINO DE
LITERATURA PARA A FORMAÇÃO DO SUJEITO

PATU
2017

LUANA FERREIRA DE ALMEIDA

**CONCEPÇÕES DISCENTES SOBRE CONTRIBUIÇÕES DO ENSINO DE
LITERATURA PARA A FORMAÇÃO DO SUJEITO**

Monografia apresentada á Universidade do
Estado do Rio Grande do Norte – UERN.
Como requisito obrigatório para obtenção do
título de Licenciado em Letras.

Orientadora: Profa. Ma. Larissa Cristina
Viana Lopes.

PATU
2017

LUANA FERREIRA DE ALMEIDA

**CONCEPÇÕES DISCENTES SOBRE CONTRIBUIÇÕES DO ENSINO DE
LITERATURA PARA A FORMAÇÃO DO SUJEITO**

Monografia apresentada à Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN – como requisito obrigatório para obtenção do título de licenciado em Letras.

Orientadora: Profa. Ma. Larissa Cristina Viana Lopes.

Aprovada em ___/___/_____

Banca Examinadora

Profa. Ma. Larissa Cristina Viana Lopes
UERN

Prof. Ma. Maria Gorete Paulo Torres
1º Examinador

Prof. Ma. Francisca Lailsa Ribeiro Pinto
2º Examinador

Dedico este trabalho ao meu pai
Antônio Almeida da Silva (in
memorian) por todo incentivo para
que eu seguisse firme na direção
dos meus sonhos. Por fatalidade do
destino, não está presente para
comemorar comigo a realização
desse sonho que é nosso. Obrigada
por toda educação que me destes,
com toda humildade me ensinou a
andar pelo caminho certo e acreditar
que é através dos estudos que eu
posso vencer. Eu dedico esta
conquista a você.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, que permitiu que eu chegasse até aqui, que me deu força, saúde e sabedoria para enfrentar os muitos desafios que surgiram no decorrer desses quatro anos de vida acadêmica.

A minha mãe, Maria Lucicleide de Almeida, que me ensinou os reais valores da vida. Ensinou-me que através dos estudos eu posso conseguir o que almejo. Obrigada por todo amor e cuidado para comigo. Espero que algum dia eu possa retribuir tudo que fez e faz por mim.

A meu noivo, Gildanio Diniz Martins, que esteve ao meu lado durante todo o curso, dando-me apoio e incentivo para que eu seguisse firme na direção dos meus sonhos. Obrigada por cada palavra de incentivo, por todas as vezes que pensei em largar tudo e desistir do curso e você veio e me convenceu a continuar. Obrigada por todas as vezes que esteve disposto a me ouvir e ajudar. Agradeço por todas as vezes que se alegrou com as minhas conquistas no meio acadêmico. Essa vitória é nossa.

Ao meu irmão, Francisco Juan Ferreira de Almeida, por me ter como referência e se alegrar com essa conquista.

Aos demais familiares, que se alegram junto comigo pela realização desse grande sonho. Essa conquista não é só minha, é nossa.

Aos meus colegas de classe, especialmente aos que participaram das pesquisas para a elaboração dos trabalhos junto a mim.

A todo o corpo docente que contribuiu significativamente para a minha formação. Obrigada por todo conhecimento transmitido.

A minha orientadora Larissa Cristina Viana Lopes, pelo suporte dado a minha pessoa durante a elaboração e desenvolvimento desta pesquisa. Agradeço por ter despertado em mim o gosto pela Literatura, obrigada por toda inspiração e conhecimento compartilhado desde as primeiras aulas lecionadas até aqui.

Enfim, a todos que me ajudaram direta e indiretamente, o meu muito obrigada!

*“[...] a literatura é plena de saberes sobre o homem e o mundo.”
(COSSON, 2009).*

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo analisar as concepções discentes a respeito das contribuições do ensino de literatura para a formação do aluno enquanto sujeito. Para isso, tivemos como instrumento de pesquisa um questionário direcionado aos alunos terceiranistas de uma Escola Estadual de Ensino Médio, no interior do Rio Grande do Norte. As perguntas versam sobre aulas de literatura e efeitos desta sobre os discentes. Deste modo, as respostas dos alunos constituem nosso *corpus*, sendo suas concepções nosso objeto de estudo. Para fundamentação e organização teórica desta pesquisa, subsidiamo-nos nas concepções teóricas de alguns autores como Antonio Candido (1972) e Rildo Cosson (2009) com as ideias de literatura com uma função humanizadora e letramento literário, respectivamente, e com Rezende (2013), Paiva (2005) e Zilberman (2009), entre outros, a respeito do ensino de literatura na sala de aula, no Ensino Médio e a formação do leitor. Diante desta pesquisa, percebemos que, para a maior parte dos alunos, o ensino de literatura tem sido proveitoso no âmbito escolar e no meio social, pois eles compreendem a literatura como algo fundamental para a aquisição de conhecimento e esse conhecimento compartilhado nas aulas os ajuda a se posicionarem criticamente na sociedade, podendo opinar a respeito de diversos assuntos. Outras concepções ainda limitam a literatura e não vê nas aulas diferenças nem expressam empolgação para o papel desempenhado pelo texto sobre o leitor.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino de literatura. Concepção discente. Formação do leitor.

ABSTRACT

This research aims to analyze the students' conceptions about the contributions of literature teaching for student education as a subject. For that, we had as research instrument, a questionnaire directed to the third-level students of a State High School in the Rio Grande do Norte inland city. The questions are about literature classes and their effects on students. In this way, students' answers constitute our *corpus*, and their conceptions are our object of study. For reasons of theoretical and theoretical organization of this research, we subsidize ourselves in the theoretical conceptions of some authors as Antonio Candido (1972) and Rildo Cosson (2009) with thoughts of literature with a humanizing function and literature literacy, respectively, and Rezende (2013), Paiva (2005) and Zilberman (2009), among others, regarding the teaching of literature in the classroom, in High School and the formation of the reader. In the light of this research, we have noticed that, for most students, literature teaching has been useful in school and in the social environment, because they understand literature as something essential for the acquisition of knowledge; and this knowledge shared in class helps them to position themselves critically in society, being able to give an opinion on several subjects. Other conceptions still limit the literature, and there are not differences in class and do not express excitement about the role played by the text on the reader.

KEY WORDS: Literature teaching. Student conception. Formation of the reader.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	09
2 A LEITURA LITERÁRIA E A FORMAÇÃO DO SUJEITO	12
2.1 LITERATURA, ENSINO E PROFESSOR	17
2.2 O ENSINO DE LITERATURA NO ENSINO MÉDIO	22
3 CONCEPÇÕES DISCENTES SOBRE LITERATURA: O QUE PENSAM TERCEIRANISTA DE ENSINO MÉDIO	25
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	40
5 REFERÊNCIAS	42

1 INTRODUÇÃO

O ensino de literatura é fundamental no ambiente educacional, pois ajuda de forma significativa a formação de leitores críticos, uma vez que é de essencial importância para entendermos os conflitos que aconteceram e ainda acontecem no mundo onde vivemos. Sendo assim, a escola deve possibilitar a formação de alunos leitores com uma visão de mundo ampliada, capaz de opinar a partir de suas visões sobre o parâmetro social diante do qual estão organizados.

É nesta perspectiva que Antônio Cândido (1972) defende a ideia de que a literatura possui uma função humanizadora, pois atua na formação do próprio homem, ou seja, a literatura supre a necessidade universal que o homem tem de ficção e poesia, contribuindo para a formação da personalidade humana e propiciando o conhecimento do mundo e do ser que dele se apropria.

Desse modo, para formar leitores através da literatura, é necessário que a leitura literária faça parte de todo processo educacional do aluno, proporcionando assim uma intimidade e posteriormente uma visão ampla e crítica relacionada a diversos assuntos.

Vale salientar que a leitura não é só a decodificação de símbolos linguísticos, ler vai muito além. Cada indivíduo consegue viver inúmeras emoções no momento da leitura. Martins (1994) conceitua o ato de ler como uma conquista de autonomia que permite a ampliação dos nossos horizontes. O leitor passa a entender melhor o seu universo, rompendo as barreiras, deixando a passividade de lado, sendo um sujeito ativo na realidade/sociedade em que vive.

Com base nessas discussões, colocamos como problemática desta pesquisa a seguinte questão: Quais as concepções dos alunos de uma turma do 3º ano do Ensino Médio sobre as contribuições do ensino de literatura para sua formação social e cultural? Dessa indagação surgem outras: Quais as percepções dos alunos sobre as contribuições das aulas de literatura na sua

formação enquanto sujeito social? Qual a concepção dos alunos sobre literatura na escola e na vida?

Com base nessas inquietações, esse estudo tem como principal objetivo analisar as concepções dos alunos do 3º ano do Ensino Médio de uma escola estadual no interior do Estado do Rio Grande do Norte, sobre as contribuições do ensino de literatura para sua formação humana e social.

A ideia de estudar este assunto, norteado pelas questões expostas, surgiu durante a observação para o estágio supervisionado II, em aulas no Ensino Médio, em que foi possível perceber que a maioria dos alunos tende a rejeitar a literatura, ou melhor, o ensino de literatura e, logo, a leitura literária. Sendo assim, surgiu a curiosidade de sabermos quais as concepções dos alunos a respeito da literatura, e porque eles a rejeitam tanto (isso foi dito pelos alunos a partir de conversas informais durante as aulas), sendo que ela pode contribuir significativamente em sua formação enquanto sujeito que vive em sociedade.

É importante ressaltar que essa pesquisa não tem a intenção de solucionar problemas relacionados ao ensino de literatura em sala de aula, mas busca analisar se os alunos terceiranistas conseguem perceber as contribuições que o ensino de literatura tem na sua formação enquanto sujeito social.

Para realizar esta pesquisa, de cunho qualitativo, o instrumento que utilizarmos foi um questionário com perguntas, para alunos da série mencionada e a partir das repostas atribuídas a cada pergunta, fizemos a análise das concepções discentes. A utilização do questionário encaixa a pesquisa numa técnica de documentação direta (ANDRADE, 2009).

Nesse caso, o *corpus* deste estudo será composto pelas respostas dos alunos a quem serão aplicados os questionários e as concepções deles serão o objeto de estudo da pesquisa. Dessa forma, esta pesquisa assume um caráter documental, pois, de acordo com Andrade (2009), pesquisa documental utiliza documentos originais, ou seja, que ainda não foram utilizados em nenhum estudo.

Pensando dessa maneira e considerando os nossos objetivos, a nossa pesquisa é classificada como explicativa. De acordo com Andrade (2009), este tipo de pesquisa tem como finalidade aprofundar o conhecimento de uma

realidade, procurando o “porquê” das coisas. Assim, iremos analisar a percepções dos alunos acerca da literatura e quais fatores desse ensino influenciam seu comportamento dentro e fora da sala de aula, enquanto sujeito social que é.

Quanto ao método de abordagem, a nossa pesquisa segue o método indutivo, pois “Na indução percorre-se o caminho inverso ao da dedução, isto é, a cadeia de raciocínio estabelece conexão ascendente, do particular para o geral” (ANDRADE, 2009, p. 121) e nosso estudo terá definição de categorias teóricas a partir dos dados coletados.

Em se tratando de métodos de procedimentos, a nossa pesquisa segue o método comparativo, em concordância ainda com Andrade (2009) ao dizer que “Este método realiza comparações com a finalidade de verificar semelhanças e explicar divergências.” (p. 123). Dessa maneira, nossa pesquisa irá comparar as respostas e respectivas concepções dos alunos a fim de explicar as semelhanças e diferenças existentes.

Nosso trabalho está dividido em dois capítulos. No primeiro deles, apresentaremos nossa perspectiva teórica com Antônio Candido (1972), Cosson (2009), Rezende (2013), Zilberman (2009), Paiva (2005), Martins (1994), Kleiman (2011), entre outros autores, nos quais nos apoiaremos para discutirmos sobre literatura na escola e especificamente no Ensino Médio, já que nossa pesquisa se situa neste nível de formação. No segundo capítulo, analisaremos os dados, a saber, as respostas dos alunos do 3º ano do Ensino Médio sobre as contribuições da literatura em sua formação social e pessoal, para, finalmente, trazermos nossas considerações sobre o estudo.

2 A LEITURA LITERÁRIA E A FORMAÇÃO DO SUJEITO

A literatura contribui significativamente para a formação do homem, pois, segundo Cândido (1972), ela possui uma força humanizadora, ou seja, não é só uma sistematização de obras, é algo que exprime o homem e atua na sua própria formação.

O papel da literatura muitas vezes possui uma função psicológica, pois o proveito desta pode preencher nossas necessidades de ficção ou fantasia, como algo que acontece naturalmente, ocorrendo na criança e no adulto, no instruído e no analfabeto. Segundo Candido:

A literatura propriamente dita é uma das modalidades que funcionam como resposta a essa necessidade universal, cujas formas mais humildes e espontâneas de satisfação talvez sejam coisas como a anedota, a adivinha, o trocadilho, o rifão. (CANDIDO 1972, p. 83).

Assim, a literatura satisfaz a necessidade de fantasia e ajuda a formação da personalidade. Dessa maneira, a literatura influencia significativamente a formação da nossa identidade enquanto sujeito que vive em sociedade. O mesmo autor afirma que boa parte da nossa personalidade pode ser influenciada pelas obras que lemos e que os romances policiais, as fitas de cinema, os contos populares atuam tanto quanto a escola e a família na formação da criança e do adolescente.

É importante ressaltar que a literatura não é expressa só através da escrita, sabemos que circula em nossa sociedade também outras formas, como a história em quadrinho, a telenovela, a fita de cinema, radionovela, entre outros, e Candido (1972) entende que a literatura é, amplamente, toda manifestação de ficção e poesia. Considerando isso é que todas essas manifestações literárias possuem algum efeito humanizador. Candido diz que:

Por via oral ou visual; sob formas curtas e elementares, ou sob complexas formas extensas, a necessidade de ficção se manifesta a cada instante; aliás, ninguém pode passar um dia sem consumi-la, ainda que sob a forma de palpite na loteria, devaneio, construção ideal ou anedota. E assim se justifica o interesse pela função dessas formas de sistematizar a fantasia, de que a literatura é uma das modalidades mais ricas. (CANDIDO. 1972, p. 85).

Na literatura existe algo muito forte que aproxima a fantasia da realidade, pois é perceptível que muitas obras literárias retratam os acontecimentos, os costumes, as ideologias e as exigências de uma determinada época, fazendo referência a uma dada realidade ou construindo outras: “A fantasia quase nunca é *pura*. Ela se refere constantemente a alguma realidade: fenômeno natural, paisagem, sentimento, fato, desejo de explicação, costumes, problemas humanos, etc.” (CANDIDO, 1972, p 83).

A literatura, além de satisfazer a necessidade que nós temos de fantasia e contribuir para a formação da personalidade, constitui-se uma forma de conhecimento. Muitas obras literárias retratam a realidade social e humana de uma certa época, proporcionando ao leitor um conhecimento de fatos históricos, concepções de homem e de mundo que ele não pode presenciar: “[...] vejamos um exemplo de relação das obras literárias com a realidade concreta: o regionalismo brasileiro, que por definição é cheio de realidade documentada.” (CANDIDO 1972, p. 86).

Muitas vezes, manifestações literárias retratam a cultura de um povo, os costumes e é através da leitura que adquirimos conhecimento do que foi a humanidade em uma determinada época, assim:

O Arcadismo, no século XVIII, foi uma espécie de identificação com o mundo europeu através de seu homem rústico idealizado na tradição clássica. O Indianismo, lá no século XIX, foi uma identificação com o mundo não-europeu, pela busca de um homem rústico americano igualmente idealizado. O Regionalismo, que o sucedeu e se estende até os nossos dias, foi uma busca do tipicamente brasileiro através das formas de encontro, surgidas do contato entre o europeu e o meio americano. (CANDIDO, 1972, p. 86).

Pensando dessa forma, percebemos que a literatura evidencia o homem de um determinado tempo, com buscas e concepções que representam uma época, sendo assim, a literatura também é uma forma de ver e estar no mundo.

Candido olha para a literatura não apenas destacando seu caráter humanizador, mas como ela se constitui um direito. Vivemos em sociedade e, por isso, todos nós temos direitos. Direitos estes que são fundamentais como casa, comida, saúde, entre outros indispensáveis à vida. Pensando dessa

forma e tendo o conhecimento de que a literatura pode contribuir significativamente na vida dos leitores, de cidadãos, seria relevante se todos nós tivéssemos também o direito à literatura tanto quanto às artes e às crenças, diz Candido (1995). Assim, teríamos resultados satisfatórios com relação às contribuições desse ensino para a nossa formação enquanto sujeito social, dessa forma:

[...] o próximo tem direito, sem dúvida, a certos bens fundamentais, como casa, comida, instrução, saúde -, coisas que ninguém bem formado admite hoje em dia que sejam privilégio de minorias, como são no Brasil. Mas será que pensam que o seu semelhante pobre teria o direito a ler Dostoievski ou ouvir os quartetos de Beethoven? Apesar das boas intenções ao outro setor, talvez isto não lhes passe pela cabeça. (CANDIDO 1995 p. 239)

Em virtude disso, é possível afirmar que todos nós precisamos não só de bens indispensáveis como vestimenta e educação formal, mas são de suma importância que tenhamos o contato com a arte, a literatura, a música, etc.

Considerando que o autor entende que a literatura diz respeito a todas as criações poéticas, ficcionais e dramáticas, em todos os níveis de uma sociedade e em todas as culturas, e tendo em vista que ela aparece como manifestação universal de todos os homens, seria impossível passar um único dia sem entrar em contato com alguma espécie de fabulação, ou seja, fantasia. Isso confirma não somente a necessidade de literatura, como também faz dela um direito humano.

Partindo dessa ideia, é plausível dizer que o ensino de literatura tem se tornado um fator indispensável para a humanização, pois é um instrumento poderoso para a construção do conhecimento, contribuindo de maneira considerável para o indivíduo dentro e fora de sala de aula. Dessa maneira: “A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas”. (CANDIDO 1995, p. 243). A literatura nos possibilita olhar para nós mesmos, ou seja, a nos reconhecermos como sujeitos capazes de compreender e atuar em sociedade.

É por isso que muitas obras literárias conseguem ampliar a nossa visão de mundo, tornando-nos mais humanos e fazendo com que fiquemos com olhar crítico a respeito de diversos assuntos do mundo e da nossa organização

social. Assim, a literatura é capaz de levar o homem a refletir, a se emocionar, a encarar os problemas da vida com criticidade, a percepção da heterogeneidade do mundo e das pessoas, preparando-nos para viver em sociedade. Assim:

A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante. [...] além do conhecimento assim por dizer latente, que provém da organização das emoções e da visão de mundo. (CANDIDO 1995, p. 249).

Nessa perspectiva, a literatura satisfaz em nós a necessidade de conhecer sentimentos numa relação com a sociedade, que é o que Candido chama de “literatura social”. Essa literatura atua quando pensamos na realidade política e humanitária: “[...] produções literárias nas quais o autor deseja expressamente assumir posição em face de problemas. Disso resulta uma literatura empenhada, que parte de posições [...] simplesmente humanísticas.” (CANDIDO 1995, p. 250). O texto literário é a manifestação de alguém que o produziu e seu leitor construirá sentido percebendo muitas formas de ver e analisar o mundo.

Para isso, o leitor precisa ir além da decodificação dos códigos linguísticos. É necessário ler, entender, relacionar a leitura com sua realidade. De acordo Freire (1989), a linguagem e a realidade devem estar conectadas dinamicamente e a visão de mundo dos alunos precisa ser valorizada. Não é necessário apenas identificar as palavras, mas dar sentido a elas através da compreensão e interpretação e, com isso, poder fazer a relação da leitura com a própria vida, assim percebemos que:

Como prática social, ou seja, na vida cotidiana de todos nós, quando lemos, a leitura da obra literária sugere, antes de tudo, um movimento de identificação: lemos o que gostamos de ler, seja porque temos um gênero preferido – suspense, policial, romance, poesia, crônicas etc. (REZENDE 2013, p. 107).

É importante que os alunos percebam que a leitura não é só a decodificação de símbolos linguísticos, ler uma obra vai muito além. Cada indivíduo consegue viver inúmeras emoções/experiências no momento da leitura.

Nesse sentido, Martins (1994) conceitua de forma bem simples e objetiva o que é ler, apontando que este ato não é simplesmente um aprendizado qualquer, e sim uma conquista de autonomia que permite a ampliação dos nossos horizontes. O leitor passa a entender melhor o seu universo, rompendo as barreiras da ignorância, deixando a passividade, compreendendo melhor a realidade.

Através dos textos, conseguimos fazer longas viagens, viver grandes aventuras, sentirmo-nos acompanhados, seja de personagens fictícios, do próprio livro, do contato com o texto, com o prazer encontrado neste. Também é através da leitura que adquirimos conhecimentos e contato com um mundo novo, muitas vezes distante da nossa realidade, já que muitas obras literárias retratam uma realidade que não vivenciamos.

A leitura não se constitui uma atividade descontextualizada. É o que enfatiza Santos (2010) ao dizer que ela não se constitui um ato isolado, ou seja, atividades individuais. O leitor, mesmo que de forma implícita, é sempre pertencente a um grupo social e conseqüentemente carregará para seu grupo aspectos de suas leituras, da mesma forma que ela trará contribuições para a sua vida enquanto sujeito que vive em sociedade.

A leitura é algo complexo, pois produz um sentido crítico que influencia nosso comportamento diante da sociedade. Martins (1994) ressalta que a ela seria a ponte para o processo educacional eficiente, proporcionando a formação integral do indivíduo, uma vez que a leitura é o que a escola mais precisa para formar o cidadão que ela deseja.

Diante disso, percebemos que através da leitura que o educando passa a construir conhecimento, pois muitos textos, além de transportar o leitor para outro mundo, conseguem deixar marcas positivas em sua vida. De acordo com Coelho (2000), atribuímos ao livro e a palavra escrita a maior responsabilidade na formação do olhar crítico das crianças e jovens a respeito dos acontecimentos da sociedade.

Diante desta discussão, é fundamental pensarmos como tem sido o ensino de literatura nas escolas, já que muitas pessoas só têm contato com o texto literário no ambiente escolar. Vamos à esta discussão no próximo ponto deste referencial teórico.

2.1 LITERATURA, ENSINO E O PROFESSOR

A escola é a instituição, entre outras, claro, que pode proporcionar o contato com a leitura literária, mesmo em se tratando de alunos que não tiveram esta oportunidade na educação familiar. Considerando esse fato, é importante que passemos a discutir a literatura na escola e o papel do professor.

O ensino de literatura pode contribuir significativamente para a formação do aluno, tanto no processo educacional quanto na vida social, mas, para isso, é fundamental que a leitura literária seja trabalhada na educação básica de maneira coerente: “[...] quando a matéria é literatura. Alguns acreditam que se trata de um saber desnecessário. Para esses, a literatura é apenas um verniz burguês de um tempo passado, que já deveria ter sido abolido das escolas.” (COSSON, 2009, p.10). Muitas vezes o ensino de Literatura é desvalorizado e passa despercebido nas escolas, as quais tentam formar cidadãos críticos. Dessa forma:

Essa postura arrogante com relação ao saber literário leva a literatura a ser tratada como apêndice da disciplina Língua Portuguesa, quer pela sobreposição à simples leitura no ensino fundamental, quer pela redução da literatura à história literária no ensino médio. É a mesma arrogância que reserva à disciplina Literatura no ensino médio uma única aula por semana [...] (COSSON, 2009, p. 10-11).

A visão limitada que muitas escolas e/ou professores têm sobre literatura restringe às formas de trabalho com o texto e, até mesmo, pode trazer veta possibilidades de conhecer textos, aventuras, fabulações maravilhosas.

É perceptível que em muitas escolas o ensino de literatura não vem sendo trabalhado de forma adequada, pois muitas vezes ele é substituído pelo ensino de história literária, tornando cada vez mais difícil a formação de leitores. É sabido também que existem aquelas pessoas que estudam a literatura associada à linguística, consideram apenas as habilidades linguísticas existentes nos textos e livros literários.

Mas não podemos nos esquecer de que o professor pode ser a “porta” de entrada para que o alunado conheça e passe a gostar de literatura, para

tanto é interessante que ele leccione aulas de maneira adequada, privilegiando a leitura e percebendo nesta múltiplas possibilidades de interação e construção de conhecimento dentro e fora das salas de aula.

Cosson (2009) ressalta que também existem aquelas pessoas que querem muito estudar literatura, mas por falta de referência e pela forma como a literatura lhes é apresentada, esta passa a ser inacessível, tornando-se apenas um mistério pelo qual o contato está fora do alcance. Logo, a motivação feita pelos professores é essencial para que o aluno passe a gostar de literatura e, como resultado disso, o ensino desta poder contribuir significativamente em sua formação.

É importante ressaltar que o aluno precisa ter contato com a leitura literária desde a infância, já que a leitura acontece muito antes da decodificação. É o que Freire (1982) afirma ao formular que a leitura de mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura da palavra influencia a percepção de mundo. Ambas estão ligadas entre si. Quando o aluno estabelece uma relação íntima como a leitura, consegue enxergar o quão fundamental ela é para a sua formação enquanto sujeito na sociedade.

O professor é um mediador deste processo de introdução à leitura na escola, tendo em vista que o ambiente escolar é tido, muitas vezes, como normativo e, por isso, sem atração. Neste sentido, é importante (re)pensar não só a atuação do professor mediador, mas os currículos escolares.

A escola não deve cristalizar perspectivas curriculares, pois isso não comunga com a dinâmica de sala de aula. Além disso, a leitura literária não precisa ficar restrita à escola. No ambiente familiar, os pais, desde cedo, podem incentivar e motivar para que a criança passe a gostar de ler. Tudo isso passa a ser um longo processo que pode trazer resultados positivos e satisfatórios na vida do educando como sujeito em formação, fazendo com que a criança cresça e se torne um formador de opinião com uma visão crítica a respeito de diversos assuntos do meio onde vive e no qual se organiza.

De acordo com Carletti (2007), a leitura é a forma mais importante para a aquisição de saberes na formação de um cidadão crítico para viver em sociedade. Nesse viés, não poderemos deixar de ressaltar que o professor não deve “obrigar” os educandos a lerem determinado livro, mas é interessante que aquele desperte o interesse destes para que depois possam tomar a iniciativa

de ler uma obra. Quando os alunos leem algo por prazer, essa leitura pode alcançar muitas possibilidades tanto no ambiente escolar como na formação como sujeito fora da escola.

É por isso que o professor, como mediador desse universo, precisa trazer textos para a sala de aula que estejam próximos da realidade do aluno. “As obras precisam ser diversificadas porque cada uma traz apenas um olhar, uma perspectiva, um modo de ver e representar o mundo” (COSSON 2009, p. 35). Dessa forma, o autor acredita muito que a seleção de textos é uma das coisas mais importantes a respeito da leitura literária na escola e na formação do leitor.

Para que a literatura possa contribuir para a nossa formação enquanto sujeitos sociais é preciso que os textos literários levados pelo professor para a sala de aula sejam bem selecionados e diversificados, pois cada texto precisa ser de acordo com o contexto social e educacional dos alunos. É diante disso que pode ser estabelecida uma relação entre o texto, o autor e o leitor.

De acordo com Jauss (2002), é esse jogo que faz com que o leitor descubra os caminhos que levaram ao processo textual, pois os autores jogam com os leitores e o texto é o campo desse jogo. Provavelmente o texto é composto por algo que até então o leitor desconhece, levando-o a imaginação e a reflexão. “[...] o texto é composto por um mundo que ainda há de ser identificado e que é esboçado de modo a incitar o leitor a imaginá-lo e, por fim, a interpretá-lo.” (p.107). Essa simples tarefa de refletir e imaginar faz com que o leitor se dedique mais a leitura ficando mais atento a todos os seus aspectos.

Nessa concepção, podemos ressaltar que o professor, na escola, é o intermediário entre o aluno e o livro, e muitas vezes ele é visto como uma referência a qual o aluno procura seguir. “O professor é o intermediário entre o livro e o aluno, seu leitor final. Os livros que ele lê são os que terminam invariavelmente nas mãos dos alunos. Isso explica [...] a permanência de certos livros no repertório escolar por décadas.” (COSSON 2009, p. 32).

Durante muito tempo a questão da seleção dos livros para levar para sala de aula foi pensada pelos mestres. Afinal, sempre surge a dúvida: quais obras apresentar para cada nível dos alunos? Com isso, o cânone se constitui e atualmente tem sido muito criticado no sentido de ser, muitas vezes, único privilegiado pelas escolas. Então, é imprescindível pensarmos que é primordial

apresentar para o alunado um conjunto de obras que foram representativas em uma determinada nação, pois essas obras carregam em si parte dos nossos costumes, mas não esquecendo a riqueza e a gama de repertórios novos que passeiam por manifestações populares orais e escritas. Assim:

Tem razão os que afirmam que não se pode pensar em letramento literário abandonando-se o cânone, pois este traz preceitos sim, mas também guarda parte da nossa identidade cultural e não há maneira de se atingir a maturidade de leitor sem dialogar com essa herança, seja para recusá-la, seja para reformá-la, seja para ampliá-la. Até porque, admitindo ou não os críticos, haverá sempre um processo de canonização em curso quando se seleciona textos. (COSSON, 2009 p. 33-34).

É necessário compreender a literatura para além desse conjunto de obras e passar a enxergá-la como um sistema que carrega tantos outros sistemas e “Um desses sistemas é o cânone, mas há vários outros, e a relação entre eles é dinâmica, ou seja, há uma interferência permanente entre os diversos sistemas.” (COSSON 2009, p. 34). Nessa perspectiva, a escola tem de oferecer ao aluno a oportunidade de ter contato com esses vários sistemas, oportunizando a eles conhecimento e leituras múltiplas na sua construção de sujeito/leitor.

Só assim o letramento literário pode acontecer. Esse conceito do autor se constitui como uma prática social que deve olhar criticamente para a maneira como a escola tem ensinado a literatura e como, por conseguinte, deturpa o texto, focando elementos de estudos que pouco ou quase nada apontam para a formação de leitores. O letramento literário trabalha em favor de um leitor proficiente se apropriando da literatura.

Para o letramento literário, a ênfase na seleção de textos dada por Cosson (2009) é uma preocupação, pois visa as obras diversas para serem estudadas em sala de aula. Isso implica um repertório de leitura vasto, dinâmico, que toca o cânone e muitas outras manifestações literárias que estão fora dele.

O autor propõe três critérios para a seleção de textos que agem coincidentemente no letramento literário. Primeiro, ele ressalta que, para selecioná-lo, o professor não deve desprezar o cânone, pois é nele que

encontraremos a história da nossa cultura. Em seguida, adverte sobre não se assegurar, na seleção dos textos, apenas na contemporaneidade deles, mas sim em sua atualidade, pois existe uma pequena diferença entre um texto contemporâneo e um atual. O contemporâneo é aquele que foi escrito e publicado no tempo atual, já os atuais são aqueles que tratam de assuntos que são considerados atuais, ou seja, que tem significado para o leitor em seu tempo. E, por último, ele destaca que é primordial o trabalho com diferentes tipos de textos. Isso fará com que os alunos enxerguem as semelhanças e as diferenças existentes entre um e outro.

Dessa forma, é importante destacar que, após o texto ser selecionado, é preciso trabalhá-lo de forma apropriada, valorizando a nossa identidade cultural, mas também proporcionando ao aluno o contato com obras contemporâneas.

Cosson (2009) evidencia, ao enfatizar a seleção de textos, como o espaço destes é importante em sala de aula. Mas, às vezes, ele tem sido substituído pelo ensino de história literária, ou seja, a sequência cronológica de obras, dando ênfase apenas ao que é característico em cada época.

Nesse contexto, Zilbemman (2009) coloca que existem dois modelos de história da literatura. Ela destaca que o primeiro é mais atual, é o que organiza primeiro o seu material de acordo com tendências gerais para, em seguida, trabalhar as obras de maneira cronológica. Já o outro modelo é o que acompanha o padrão antigo, isto é, é o que organiza o material de acordo com a vida dos autores, resultando numa linearidade. Assim, quando a literatura é trabalhada na escola de maneira errônea, ela não traz boas contribuições, fazendo com que a leitura literária não atinja as possibilidades que o texto pode oferecer.

Diante de tudo que foi discutido a respeito do ensino de literatura, suas contribuições, problemas, perspectivas e o papel do professor, podemos enfatizar que a literatura quando é trabalhada de maneira adequada, fruindo o texto e suas possibilidades, pode atuar de forma significativa na formação do aluno dentro e fora de sala de aula. Assim, a literatura acaba se tornando importante para conviver em sociedade.

Já que nossa pesquisa se centra em alunos do 3º ano do Ensino Médio, é necessário que discutamos um pouco mais sobre ensino de literatura, mas, dessa vez, enfatizando-o na última fase da escola básica.

2.2 O ENSINO DE LITERATURA NO ENSINO MÉDIO

Diante das discussões desenvolvidas até aqui, temos sempre afirmado, embasadamente, que o ensino de literatura pode contribuir de forma relevante tanto para a formação do leitor quanto para a constituição do aluno enquanto sujeito social, mas infelizmente esse ensino não vem tendo a atenção que merece por muitos alunos e professores. De acordo com Paiva (2005), temos dado pouca atenção ao papel da leitura literária e, por outro lado, temos refletido pouco sobre os aspectos da leitura que estão relacionados à formação do leitor em consonância com o ensino aprendizagem.

De acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais (2004), um dos objetivos principais do ensino de Língua Portuguesa é o desenvolvimento da proficiência em leitura. Dessa forma, é conveniente afirmar que uma forma mais eficaz de adquirir essa proficiência é através dos textos literários, ou do letramento literário.

Quando falamos no ensino de literatura no Ensino Médio, é de essencial importância que o mediador da disciplina de língua portuguesa possua várias estratégias para conseguir despertar o gosto/interesse pela leitura, já que vivemos em uma sociedade na qual muitos alunos saem do ensino fundamental com a ideia de que a literatura não é tão importante quanto outras matérias do componente curricular.

A literatura no Ensino Médio aparece como um estudo obrigatório no componente curricular, embora muitas vezes encontraremos nos livros didáticos apenas fragmentos de obras reconhecidas e também a história da literatura relacionando estilos com as datas. Assim, Paiva diz que:

O estudo sistemático da literatura no ensino médio vem se mantendo quase que intocado nas propostas que se podem observar nos livros mais conhecidos da área. Persiste, ainda, a tradicional concepção informativa de literatura, entendida como conjuntos de conhecimentos histórico-culturais e estéticos que se supõem poder fazer a mediação entre o leitor e a obra.

Nessa concepção, o contato entre essas instâncias fica subordinado a critérios de avaliação e mecanismo de acesso atrelados a preceitos nem sempre muito adequados à compreensão da obra, por conta de uma origem de caráter normativo ou excessivamente canônico, que acabam perturbando o efetivo trabalho do leitor. (PAIVA 2005, p. 150).

É nítido que nas perspectivas de tais livros existe uma persistência na ideia de informações literárias que muitas vezes são desnecessárias para o aluno, especialmente antes da leitura. Informações e biografias, muitas vezes, acabam “tomando” o espaço que deveria ser reservado ao texto. Daí se estabelece uma relação entre a literatura como um sistema e como história, e a leitura literária vai perdendo espaço para características estilísticas que podem/devem ser encontradas no texto.

A literatura trabalhada/estudada no Ensino Médio é algo que merece mais atenção, pois a escola deve oferecer aos alunos a possibilidade de repertórios vários. Ou seja, a escola deve mostrar o cânone e o que está a margem dele. É o que destaca Dalvi:

No ensino médio, supostamente, o adolescente ou jovem deveria ter acesso aos “clássicos” (nacionais ou não) e, paralelamente, à literatura que corre à margem do cânone, renovando-o ou subvertendo-o, ampliando, seu repertório e refinando seu grau de compreensão e seu nível de exigência [...]. (DALVI 2013, p. 74)

Dessa forma, vale ressaltar que o contato com o cânone literário e com o que está ao seu redor pode ampliar a compreensão e as exigências do leitor em formação.

De acordo com Paiva (2005), nos dias de hoje, ensinar literatura no Ensino Médio se resume a essas cinco situações: primeiro, relacionar a literatura a uma evolução cronológica, ou seja, começar desde o início para só mais a frente chegar aos dias atuais, provocando um distanciamento entre a literatura e o contexto dos alunos; segundo, resumo do que foi histórico em uma determinada época, detendo-se somente aos principais acontecimentos; terceiro, remete-se apenas às escolas literárias, ou seja, o estilo e às características de cada autor em determinado período; quarto, biografia dos autores; por último, apresentação de fragmentos e resumos das obras,

destacando apenas os personagens, o tempo e espaço, o conteúdo, as imagens.

As situações elencadas por Paiva mostram como o ensino de literatura tem sido limitado e como o texto tem perdido espaço para fragmentos e periodização. É claro que as leituras podem e devem estar em contato com a contextualização, mas se o ensino de literatura for substituído pelo ensino de história literária fica difícil formar leitores e até mesmo despertar o interesse dos alunos para a leitura literária, a qual não é foco nas situações de ensino relacionadas por Paiva. O resultado de tudo isso só poderia ser o insucesso na formação de leitores e até mesmo na formação do aluno enquanto sujeito. Dessa forma:

Além da má formação pregressa, a aprendizagem engessada das “escolas” literárias, o pouco tempo dedicado a leitura literária e a constituição do sujeito-leitor, a fragmentação da disciplina de língua portuguesa em gramática-literatura-produção de texto, a pequena carga horária destinada às aulas “de literatura”, a pressão dos exames e processos de seleção e a adoção de resumos canhestros das obras que deveriam ser lidas, tudo isso vem coroar a história de “fracasso” ou “insucesso [...]”. (PAIVA 2005, p. 151).

Nessa perspectiva, percebemos que as escolas têm perpetuado esse modelo de ensino de literatura baseado em periodização, dados biográficos de autores e fragmentos de textos, faltando tempo e trabalho para/com o texto literário na íntegra.

Paiva (2005) entende que é preciso organizar esse ensino de duas maneiras: primeiro, permitir que o aluno tenha contato com os textos literários; segundo, levar o leitor a reflexão do texto relacionando com a sua própria realidade, proporcionando aos alunos a proficiência em leitura. Assim:

O leitor proficiente é aquele que tem objetivos definidos e sabe avaliar, em cada situação de leitura, se dispõe do tempo e dos recursos necessários para atingi-los. Sabe reconhecer o gênero em que se apresentam os textos que precisam ler – geralmente, textos relativos a esferas de atividades bastante diversas, com as quais está ou poderá estar envolvido. Assim, sabe fazer previsões acertadas e constrói progressivamente os quadros interpretativos que se impõem à compreensão. (PAIVA 2005, p. 152).

Em contrapartida, o trabalho com textos não literários só é válido quando os alunos conseguem perceber aspectos importantes que estão presentes no texto, como o gênero, o tema. Nessa mesma perspectiva, o leitor de literatura, quando lê obras literárias, também identifica esses mesmos aspectos, porém com visões diferentes. “De um lado, boa parte do que a leitura de um texto não literário demanda se manifesta também na abordagem do texto literário.” (PAIVA 2005, p.155).

Diante de todas essas considerações, podemos concluir que a literatura com seu aspecto humanizador pode contribuir significativamente na formação do aluno enquanto sujeito social, mas para isso é relevante que esse ensino seja trabalhado adequadamente, possibilitando aos alunos o contato com um número significativo de textos, percorrendo pelas obras clássicas até as contemporâneas, às margens do cânone, as atuais e as que o próprio aluno pode escolher.

3 CONCEPÇÕES DISCENTES SOBRE LITERATURA: O QUE PENSAM TERCEIRANISTAS DE ENSINO MÉDIO

Diante das discussões realizadas no capítulo anterior acerca do poder humanizador da literatura e de como seu ensino adequado pode contribuir para a formação do sujeito enquanto ser social e, também, pensando em entender como os alunos compreendem tal ensino e tais contribuições, elaboramos e aplicamos um questionário, relacionado ao tema deste trabalho, direcionado à alunos do 3º ano do Ensino Médio de uma escola Estadual do interior do Rio Grande do Norte.

A ideia de pesquisar as opiniões dos terceiranistas surgiu a partir de conversas informais com os próprios alunos acerca do ensino de literatura. Pelo fato de os alunos já estarem na fase final da escola básica, é propício pensarmos que eles têm uma “bagagem” em seus conhecimentos a partir da leitura literária em relação aos alunos de séries anteriores.

Com esse entendimento, acreditamos que um questionário, cujas perguntas apontam para a literatura em sala de aula, irá fazer com que

percebamos as concepções discentes sobre o assunto em questão, e se os alunos terceiranistas conseguem compreender as contribuições deste ensino para a sua formação enquanto sujeito.

Assim sendo, nosso questionário é composto por três perguntas, as quais se relacionam de forma significativa com as nossas questões de pesquisa. Foram aplicadas perguntas simples, mas que de forma geral atendiam as nossas inquietações investigativas.

Foram aplicados 12 questionários em uma única sala do 3º ano noturno, o que já é um diferencial, pois a maior parte dos alunos já não são mais adolescentes e têm suas ideias formuladas a respeito de muitos assuntos. A ideia de escolher alunos do turno noturno para a nossa pesquisa se deu porque tivemos experiência de estágio supervisionado II nesse turno, através do qual vimos rejeição pela literatura por meio de conversas informais. Como não foi possível realizar a pesquisa com os mesmos alunos, então mesmo assim resolvemos trabalhar com o turno noturno.

A análise que faremos a partir deste questionário, nesta parte do trabalho, atentar-se-á para cada resposta na ordem das perguntas, contemplando as várias visões obtidas em cada questionamento. Identificaremos os alunos por número (Aluno 1, Aluno 2...).

O questionário tem como primeira questão: *O que você acha das aulas de literatura. Justifique sua resposta.* Uma das respostas atribuída a essa primeira questão pelo aluno 1, foi: *Acho as aulas de literatura muito interessante, pois elas nos mostram um pouquinho da realidade das histórias antepassadas e atuais.* A partir dessa resposta, percebemos que para esse aluno as aulas de literatura são importantes porque documentam realidades e possibilitam o contato com os acontecimentos do passado e da atualidade, ficando historicamente informado.

O aluno 2 respondeu semelhante: *são boas: pois é através da literatura que temos o conhecimento das histórias atuais e do passado.* É possível perceber, através dessas duas respostas, que a literatura é vista como algo informativo, ou seja, possibilita o conhecimento de uma realidade distinta da que vivemos hoje e nos proporciona o contato com um mundo novo.

Apesar de essas duas respostas semelhantes dialogarem com o pensamento de Candido (1995) ao ressaltar que a literatura também é uma

realidade documentada, percebemos que a visão dos alunos sobre literatura ainda é limitada à informação e história.

O aluno 3 respondeu da seguinte forma: *acho as aulas de literatura fundamentais, pois a literatura gera conhecimento e o conhecimento é muito importante na vida de qualquer pessoa*. Nessa resposta percebemos que o ensino de literatura obtém resultados satisfatórios gerando conhecimento.

Outra resposta semelhante a essa foi a que o aluno 4 escreveu: *acho interessantes essas aulas, pois a literatura contribui em várias áreas de nossas vidas*. Aqui, percebemos que para esse aluno as aulas de literatura contribuem tanto para a sua formação em sala de aula quanto fora dela, ou seja, a sua formação enquanto pessoa, ao reconhecer essa contribuição em várias áreas da vida. Isso dá entender que a literatura atua não somente na construção de conhecimentos e/ou na compreensão da história, mas extrapola os limites de sala de aula para vida sem cobrança de saber algo porque a literatura representa ou demonstra algo (como épocas, histórias, culturas).

O aluno 5 respondeu da seguinte forma: *boas, pois ajuda no conhecimento de palavras*. Aqui, é perceptível que o aluno relaciona o ensino de literatura com o conhecimento de novas palavras, pois ele liga as aulas de literatura a uma ampliação de vocabulário, ou seja, remete-se a relação de habilidades linguísticas naquilo que é lido/trabalhado nas aulas de literatura.

A resposta do aluno 6 se refere à leitura: *Bom. Porque estimula muito a leitura*. Aqui, percebemos que o aluno relaciona as aulas de literatura com o incentivo à leitura. Nessa resposta também é notório que certamente o aluno também lê a partir das aulas.

Ainda sobre a primeira pergunta questionada aos alunos, obtivemos como resposta do aluno 7: *A literatura é muito importante para o nosso ensino, existem diversos tipos de produções literárias como, poesia, prosas...* Nessa resposta percebemos que o aluno enfatiza que as aulas de literatura trazem conhecimento a partir de produções literárias, isso nos leva a pensar em leitura e comunga com a resposta anterior, pois embora digam coisas diferentes (uma fala sobre incentivo à leitura e a outra sobre a existência de produções literárias), mas que as duas convergem para a presença da leitura nas aulas.

É importante informar que, embora tenham sido aplicados 12 questionários, alguns alunos não atribuíram respostas à primeira questão. Por essa razão, as análises referentes à primeira indagação pararam no aluno 7.

Diante de todas essas repostas referentes à primeira questão, retratando que a literatura é importante porque é uma forma de aquisição de conhecimento, através dela que temos contato com um novo mundo, proporcionando o contato com fatos históricos do passado e também da realidade atual, assim percebemos que a maioria dos alunos, apesar das respostas que dialogam com perspectivas teóricas, com exceção das duas últimas respostas, não percebe as aulas de literatura como possibilidades de leituras múltiplas.

É interessante que os alunos conheçam a literatura como construção de conhecimento, mas o fundamental é que essas possibilidades partam de leituras incentivadoras. Vale ressaltar que diante da pergunta feita, as respostas indicam, provavelmente, reflexo do que os alunos vivem, dos saberes que eles constroem em sala de aula.

A partir das respostas dos alunos, percebemos que, em sua maioria, eles não responderam que leem a partir das aulas, o que nos leva a pensar que talvez não se sintam incentivados nas aulas ou que as leituras feitas não sejam efetivamente interessantes para eles. Dessa forma, para que a literatura ajude a formar leitores é interessante que o professor, ao lecionar as aulas, selecione de maneira correta as obras que deseja trabalhar, (lembrando aqui a seleção de textos de Cosson (2009)), refletindo sobre tal e tentando colocar-se no lugar dos alunos, pois esse ensino só é satisfatório se fizer algum sentido para a vida educacional e social os alunos.

Nesse mesmo viés, é de suma importância que o professor seja autêntico e apresente a diversidade do mundo literário para que assim os alunos possam despertar o gosto pela leitura de acordo com suas preferências. Dessa forma, Rezende (2013) ressalta que é importante apresentar aos alunos a heterogeneidade das obras literárias, pois existe uma diversidade de gêneros, os gêneros tradicionais que são o romance, teatro, poesia. Mas também existem os novos gêneros, como a autoficção, história em quadrinhos.

Dando continuidade, a segunda pergunta do questionário diz o seguinte: *O que você acha das aulas de literatura é o mesmo que você achava*

quando entrou no Ensino Médio? Se algo mudou, escreva sobre isso. Para essa pergunta foram atribuídas várias respostas, algumas confirmam dizendo que sim e outras dizem que não. Em virtude disso, percebemos que, mesmo os alunos estando na mesma sala, com o mesmo professor de literatura, têm visões diferentes a respeito da mesma vivência nas aulas.

O aluno 1 atribuiu a seguinte resposta ao segundo questionamento: *Não é o mesmo, pois com o passar do tempo os livros didáticos vem aprofundando mais sobre o assunto.* A partir dessa resposta, é possível perceber que o maior contato que o aluno tem com a literatura é através do livro didático, ou seja, para esse aluno pode ser que a literatura é pouco explorada e só é estudada e interpretada a partir de opiniões de outros, seja do professor ou do próprio livro didático. Mas nessa mesma resposta é possível observar algo positivo, pois em sua trajetória escolar do ensino fundamental até o ensino médio o aluno consegue perceber a evolução desse ensino. Isso só confirma que a literatura se renova com o passar do tempo.

O aluno 2 respondeu o seguinte: *hoje está bem mais avançado, a cada dia vem se tornando bem mais interessante estudar a literatura.* A partir dessa resposta, é notório que o aluno considera mais interessante a forma como a literatura é trabalhada no ensino médio. Percebemos que quando o aluno diz “mais avançado”, é como se ele dissesse que é um estudo mais “adiante” ou mais “aprofundado”, mas apesar de não citar leitura, esse “avanço” parece ter tornado o estudo mais motivador.

Uma resposta que chamou bastante a nossa atenção foi a do aluno 3: *Hoje eu percebi que literatura não é só ficção é algo muito além.* Nessa resposta foi possível perceber que o aluno terceiranista possui a maturidade para perceber que a literatura não é só algo ficcional. De certa forma, quando o aluno já possui essa maturidade, consegue interpretar as obras de maneira crítica e também consegue opinar a respeito dos assuntos discutidos em sala com o professor e os colegas. Ainda nessa resposta, o aluno parece apresentar uma percepção aguçada, a ideia de que a literatura “vai muito além” revela que ele entende uma amplitude indefinida da literatura e que essa visão que ele tem hoje, com as aulas de hoje, é que provavelmente possibilitam esta visão discente.

Os alunos, 4, 5, 6 não responderam a essa questão, por isso daremos continuidade as análises com o aluno 7. Ainda analisando as respostas atribuídas a segunda questão, nos deparamos com conceitos: *É uma arte de criar e compor textos e quando a gente chega no ensino médio fica mais difícil* (resposta do aluno 7). Aqui, percebemos que o aluno entendeu primeiro que o questionário perguntava o que é literatura, por isso ele iniciou sua resposta com o conceito. Analisando o que ele escreveu, vimos que para esse aluno a ideia de literatura ainda é muito rasa, pois ele relaciona esse ensino como algo mecânico que diz respeito apenas à forma e a estética, deixando um pouco de lado o real sentido da leitura literária, que, além da aquisição do conhecimento, proporciona aos educandos experiência, viagem, interação, relacionamento. Tudo isso ajuda a formação do homem enquanto sujeito que atua na sociedade contemporânea.

A resposta atribuída pelo aluno 8 a essa pergunta diz o seguinte: *Hoje eu acho melhor, antes eu não lia muito. Hoje em vez em quando eu leio algumas coisas e para mim é muito bom.* Ao analisarmos essa resposta, é notório que esse aluno não possuía o gosto pela leitura, mas este gosto, que vem sendo adquirido aos poucos, “vez em quando”, o fez dizer que hoje o que ele acha de literatura é melhor. Esta melhoria, a resposta pode dar a entender, deve-se à leitura.

Diante da pergunta, podemos dizer, pelas palavras do aluno 8, que agora que já está concluindo o Ensino Médio consegue ter uma concepção diferente a respeito de seu gosto por ler. Isso significa que a literatura no seu ensino fundamental pode não ter lhe incentivado tanto quanto na fase final da escola.

Para essa mesma pergunta também nos deparamos com respostas contrárias a essas discutidas anteriormente, que ressaltam que as aulas de literatura no Ensino Médio continuam parecidas com as aulas do ensino fundamental. O aluno 9 responde: *Bom quando cheguei no ensino médio até o dia atual não vi tanta diferença, acho que é necessário um investimento alto para que melhore.* Conseguimos perceber nessa resposta que no Ensino Médio o aluno não vê quase diferença, ou seja, o ensino de literatura durante os 3 anos que ele cursa a última etapa da educação básica, continua quase do

mesmo jeito na opinião dele, como se existisse apenas diferença mínima de um ano para outro.

Outra resposta para essa pergunta: *Sim, consegui aprender mais sobre o assunto e adquirir conhecimento para minha vida* (resposta do aluno 10). Ao analisarmos essa resposta, é claro que esse aluno possui uma visão diferenciada se compararmos às respostas anteriores sobre essa pergunta. Apreendemos que esse aluno consegue levar o ensino de literatura para si, já que ela é uma forma de aquisição de conhecimento para a vida. É fácil entender que para este aluno a literatura não se resume às aulas ou ao que a escola oferta dentro da disciplina de Língua Portuguesa. Dessa maneira, esse aluno parece “aproveitar” as aulas destinadas à literatura dentro e fora do espaço escolar.

Outra resposta semelhante a essa anterior foi a do aluno 11, que diz o seguinte: *sim, pois é a mesma coisa só com assuntos diferentes*. A partir dessa resposta, vemos que, para esse aluno, o ensino de literatura segue do mesmo jeito, talvez a mesma forma metodológica, mudando apenas o conteúdo. Daí presumirmos que a visão deste aluno é de uma literatura em círculos.

Ao analisarmos o questionário ainda na segunda questão, encontramos uma resposta que faz relação com o que discutimos nos parágrafos anteriores. A resposta do aluno 12 diz o seguinte: *não, pois as obras que o professor sugere para lermos são mais interessantes e ele nos dá a liberdade de interpretá-las de acordo com o nosso entendimento e conhecimento adquiridos nas aulas*. Com essa resposta, compreendemos que o professor trabalha com as obras, e não apenas com os resumos ou fragmentos que aparecem no livro didático. É nítido que, após a leitura do livro, o professor abre o espaço para que os alunos comentem a respeito do que leram, proporcionando um momento de troca de conhecimento entre os alunos, tornando a literatura do Ensino Médio diferente da trabalhada no ensino fundamental. Percebemos que a visão desse aluno é amadurecida diante das leituras e das atividades propostas a partir das primeiras. A liberdade de leitura e interpretação na didática do professor parece fazer toda a diferença para que os alunos interajam e discutam sobre o que estão lendo.

Partindo para a terceira e última questão, formulamos o seguinte: *Que contribuições as aulas de literatura trazem para sua vida?* O aluno 1

respondeu: *Traz novas experiências de vida, pois me identifico um pouco com alguns temas abordados no assunto.* A partir dessa resposta, constatamos que quando o aluno lê determinada(o) obra/texto, consegue embarcar no mundo das experiências, que podem levar à imaginação, experimentação de novas maneiras de viver, de encarar problemas, de resolver conflitos, de discutir conceitos. A ideia de se identificar com alguns temas mostra como isso resulta em novas vivências a partir das leituras.

O aluno 2 respondeu o seguinte: *Trazem muito conhecimento das histórias literárias do nosso país. E nos ajuda na nossa vida escola.* Diante destas palavras, percebemos que o aluno relaciona a literatura apenas a informações. Notamos também que o aluno restringiu a literatura apenas à escola, é como se ele não tivesse nenhum contato com o texto literário fora dela.

Os alunos, 3, 4 e 5 não responderam a essa pergunta. Para essa mesma reposta, o aluno 6 disse o seguinte: *Ela estimula mais a nossa leitura.* Com estas palavras é simples compreender que é nas aulas de literatura que este aluno se sente motivado a ler.

Nessa terceira pergunta também encontramos algumas respostas que relacionam o ensino de literatura ao estímulo à leitura. Vejamos: *É muito bom a gente estudar literatura, porque aprendemos a ler e escrever melhor* (resposta do aluno 12). Nessa resposta percebemos que o aluno liga a literatura às formas de bem falar e em escrever. Isso relaciona à literatura à aprendizagem de leitura e escrita. É claro que isso é um benefício que aparece como consequência na vida de um leitor efetivo, proficiente, mas a contribuição da literatura nesta resposta está bem restrita.

A partir de todas essas atribuições às nossas perguntas, percebemos que cada aluno possui a sua percepção a respeito do ensino de literatura. O aluno 1, por exemplo, consegue vê a contribuição da literatura pelo fato dela mostrar outras realidades. Percebemos também que para esse aluno a literatura contribui para o despertar de sua imaginação, ou seja, é através da literatura que ele faz grandes viagens, conhecendo muitas vezes um mundo novo.

O aluno 2, assim como um aluno 1, relaciona a literatura a fatos históricos informativos. Percebemos que para esse aluno a literatura é

importante, mas ele restringe esse ensino apenas na vida escolar. Deixando de lado as contribuições que ela tem para a sua vida em sociedade.

Diante de todas as respostas do aluno 3, percebemos que ele considera a literatura importante porque ela gera conhecimento. A ideia de literatura para esse aluno é bastante madura, pois ele consegue perceber que ela vai muito além da ficção. Essa possibilidade de “muito além”, retirando restrições, exhibe uma concepção ampla, apesar das poucas palavras.

Entendemos que para o aluno 4 a literatura vai além da sala de aula, ou seja, esse aluno considera a literatura importante em todas as áreas de sua vida, pois lhe proporciona conhecimento e aprendizado para viver em sociedade.

Já o aluno 5 considera o ensino de literatura apenas como algo que vai contribuir para o seu vocabulário, ou seja, no conhecimento de novas palavras. Assim, percebemos que ele limita as contribuições desse ensino.

O aluno 6 vê a literatura como estímulo à leitura, deixando clara a ideia de que a partir das aulas de literatura ele se sente estimulado a ter mais contato com a leitura literária.

Constatamos que para o aluno 7, há uma diversidade na produção literária, o que pode deixar implícito seu contato com uma variedade de textos. Já os alunos 8 e 9 limitam as contribuições da literatura apenas à sala de aula, o que consideramos preocupante, pois, como já sabemos, o ensino de literatura contribui tanto para a formação leitora como para a formação do cidadão. Os alunos 10 e 11 consideram a literatura importante porque é uma forma de aquisição de conhecimento para a vida, contrariando os alunos 8 e 9.

Percebemos que o aluno 12 tem a ideia bastante amadurecida a respeito desse ensino, foi possível constatar isso em sua resposta atribuída a segunda questão. Ele relaciona as aulas de literatura a um momento de interação e troca de conhecimentos.

Diante de todas essas considerações sobre as percepções dos alunos terceiranistas, compreendemos que a maior parte dos alunos conseguem perceber o quanto fundamental esse ensino é para a nossa formação enquanto sujeito social. Entre o estímulo à leitura, a aquisição de conhecimentos, compreensão de épocas e o bem falar e escrever, vemos que há colocações que dialogam com nossas discussões. O ideal seria se todos esses aspectos

fossem apontados por todos os alunos, mas se unirmos as formulações de cada um, vemos que se trata de uma turma cujas concepções vão do tradicional às discussões mais atuais acerca do ensino em questão.

Desse modo, é importante destacar que as respostas dos terceiranistas evidenciam, ao mesmo tempo, a presença e ausência a partir das mesmas aulas de literatura, o que demonstra como cada um interage no processo de ensino aprendizagem. Pensamos que mostra ainda como uma mesma metodologia de um mesmo professor “atinge” de maneira diferente cada aluno questionado.

É válido lembramos, diante das concepções dos alunos cujas respostas apontam para a forma como a literatura atua/ajuda na vida, a ideia de Candido (1995, p. 244) ao ressaltar que a literatura “[...] humaniza em sentido profundo, porque faz viver”. Nessa perspectiva, podemos considerar a literatura como algo fundamental em nossa vida, já que, como o autor fala, ela nos faz viver.

Sabemos que a literatura pode contribuir em várias áreas na vida dos educandos, como dois dos alunos se colocaram em suas respostas, tanto em sala de aula quanto fora dela, reconhecendo que ela influencia a formação pessoal e social: “[...] a literatura serve tanto para ensinar a ler e a escrever quanto para formar culturalmente o indivíduo.” (COSSON 2009, p. 20). O fato de servir não só para a formação cultural, mas para o bem falar e o bem escrever comunga com a visão do aluno que destaca o conhecimento das palavras.

Já que a literatura é tão importante e contribui significativamente para a nossa formação, seria interessante que ela fosse considerada como um direito para todas as pessoas. É pertinente lembrarmos essa ideia de Cândido (1995) de que o direito à literatura é um direito humano, por ela ser um bem incompressível.

Diante das respostas dos alunos, vemos alguns resquícios de leituras que ampliaram suas visões sobre o texto literário, bem como o contato com este, fazendo começar a valer a literatura como direito para esses alunos. Em outras respostas, limitadas ainda, entendemos que a literatura é vista apenas como matéria escolar, sem contribuições/influências na vida dentro e fora da escola.

Diante disso, para que a literatura contribua satisfatoriamente é importante que o professor leccione aulas dinâmicas e atrativas para despertar o interesse dos alunos a partir da diversidade de textos. Para isso, as obras precisam ser escolhidas cuidadosamente: “É importante também propor obras das quais eles extrairão um ganho simultaneamente ético e estético, obras cujo conteúdo existencial deixe marcas.” (REZENDE 2013, p. 24). É essencial que o professor tenha autonomia na hora da escolha e selecionar obras, pois elas precisam ser de acordo com a realidade dos alunos, não só pra que haja fruição dessas obras como também resquícios delas na vida do leitor.

Com relação a tal escolha, Cosson (2009) ressalta que, atualmente, na escola, são atribuídos três fatores relacionados à seleção dos textos. O primeiro deles diz respeito aos programas que determinam a escolha dos textos de acordo com os fins educacionais que são as influências das leituras e também a ratificação de determinados valores que denominam a cultura nacional. O segundo diz respeito a legibilidade dos textos, que faz a distinção de acordo com a faixa etária dos leitores e o grau de escolaridade. Já o terceiro, está relacionado com as condições propostas para a literatura na escola.

Com isso, é preciso refletirmos a respeito da seleção de textos quando a escola estabelece critérios que nem sempre estão a favor da formação do leitor. É certo que programas escolares e a faixa etária dos alunos devem ser considerados. Entretanto, há mais a se perceber quando se trata de formação de leitores, estes que têm especificidades que precisam ser olhadas para que a leitura literária tenha espaço favorável na sala de aula.

Para que o ensino de literatura seja satisfatório, é necessário acompanhar as necessidades de leitura dos alunos, pois sabemos que, em cada ano e de acordo com a faixa etária dos discentes, a literatura precisa ser trabalhada de forma diferente. Isso implica dizer que a literatura trabalhada no Ensino Médio, por exemplo, precisa ser diferente da trabalhada no ensino fundamental. É o que ressalta Cosson (2009) quando diz que de um lado está a literatura infanto-juvenil e de outro está à literatura sem adjetivo, havendo a distinção da literatura de acordo com a faixa etária dos alunos, dessa forma Cosson ressalta que:

No ensino fundamental, predominam-se as interpretações de texto trazidas pelo livro didático, usualmente feitas a partir de textos incompletos, e as atividades extraclasse, constituídas de resumos de textos, fichas de leitura e debates em sala de aula, cujo objetivo maior é recontar a história lida ou dizer o poema com suas próprias palavras. (COSSON 2009, p. 22).

De acordo com o que o autor retrata, percebemos, através de algumas respostas de alunos atribuídas ao questionário de nossa pesquisa, que compreendem a literatura do ensino fundamental diferente da literatura estudada no Ensino Médio porque: no primeiro caso, eles não têm muito contato com o texto integral, ou seja, o livro, limitando-se apenas às interpretações presentes no livro didático; no segundo caso, seria quando o aluno começa a ter contato com as obras na íntegra, tendo a oportunidade de ler toda obra e assim poder construir a sua própria interpretação. Todavia, é importante destacar que nem sempre é assim que acontece no Ensino Médio, pois diversas vezes a leitura do livro é substituída por filmes, séries e músicas. No caso de obras literárias, não é mais novidade que os livros didáticos apresentam fragmentos do texto literário e privilegiam historiografia e dados biográficos de autores.

Muitas vezes o Ensino Médio segue esse modelo e as mesmas tradições do ensino fundamental e, conseqüentemente, trazem o mesmo resultado na vida de um (não)leitor. É o que ressalta Cosson (2009, p. 22) quando fala sobre a literatura nesta última etapa escolar, assim:

A literatura no ensino médio resume-se de maneira descuidada do livro didático, seja ele indicado ou não pelo professor ao aluno. São aulas essencialmente informativas nas quais abundam dados sobre autores, características de escolas e obras [...]. Raras são as oportunidades de leitura de um texto integral, e, quando isso acontece, segue-se o roteiro do ensino fundamental, com preferência para o resumo e os debates, sendo que esses comentários assistemáticos sobre o texto [...]. (COSSON 2009, p.22).

Levando em consideração o que Cosson ressalta, é nítido que dificilmente os alunos têm contato com os textos completos se isso não partir da leitura do professor. Este pensamento enraizado do livro didático ainda pendura por ser este um dos principais recursos utilizados pelos docentes na sala de aula. Diante disso, é pertinente lembrarmos que duas respostas de

alunos a nosso questionário retratavam literatura remetendo ao material didático, mencionado aprofundamento nos estudos a partir do livro, levando-nos a pensar em como a utilização deste pode preencher os espaços que poderiam ser reservados à leitura literária. É por questões como essas que também obtivemos resposta dizendo que não havia quase diferença na concepção de literatura que o aluno tinha quando entrou no Ensino Médio e agora que está saindo dele.

Ainda sobre a presença da leitura literária que muitas vezes é substituída pelos fragmentos de livros didáticos, é conveniente lembramos mais uma resposta de um aluno sobre ser necessário um investimento para que essas aulas melhorem. Poderíamos relacionar isso com o investimento em livros, pois muitas vezes nas bibliotecas das escolas o número de livro é pouquíssimo, o que prejudica cada vez mais o acesso ao mundo literário. Mas poderíamos também relacionar esse investimento como algo para capacitar os professores que lecionam essas aulas, já que algumas vezes nos deparamos com professores de língua e literatura que não demonstram interesse em leitura e formação do leitor. É por essa razão Cosson (2009) retrata que existem muitas pessoas que sentem interesse pelo mundo literário, mas a falta de referência faz com que não tenham contato com esse universo.

É por isso que é necessário que o professor seja um sujeito leitor, para que possa mediar a leitura de textos na íntegra, bem como discussões confrontando suas opiniões com as opiniões dos discentes e com as que estão presentes nos manuais didáticos e, a partir disso, os alunos podem construir a sua própria interpretação. Quando as aulas de literatura são ensinadas dessa forma, podem contribuir significativamente para a vida dos educandos, ampliando sua visão de mundo e suas opiniões acerca de diversos assuntos, tornando-se um sujeito crítico para atuar na sociedade.

Se, como entende Cosson (2009), o núcleo do ensino de literatura deve ser experienciar a literatura, cuja prática discursiva deve ser compreendida pelos discentes, é no professor que reside à figura deste mediador que pode proporcionar a eles que não sejam meros resumidores de textos. É como se o autor enfatizasse que talvez esta tarefa “simples” já coubesse ao livro didático, então professor pode desviar desse caminho. “No ambiente escolar a literatura é um lócus de conhecimento e, para que funcione

como tal, convém ser explorada de maneira adequada.” (COSSOSN 2009, p. 26). Com isso, a escola precisa ensinar ao aluno a explorar esse estudo, o qual pode traçar caminhos que, entre tantas possibilidades, o levará a ser um sujeito formador de opinião, atuante na sociedade a qual compreende e critica.

Diante de todas as considerações trazidas até aqui a respeito das contribuições do ensino de literatura, percebemos pontos positivos e negativos relacionados a esse ensino. Algumas respostas foram positivas, pois a maioria dos alunos associaram a literatura à interação e a troca de conhecimento, ao contato com um mundo novo, o despertar da imaginação, conhecimento para a vida, entre outras coisas também significativas. Já para outros alunos, a aula literatura não consegue ser tão satisfatória, pois alguns alunos restringem as contribuições desse ensino apenas à sala de aula, desconsiderando que ela pode nos tornar mais humanos e capazes de atuar criticamente na sociedade. Outros associam esse ensino à ampliação de vocabulário como se a literatura fosse útil apenas para o conhecimento de novas palavras.

Diante de todos esses pontos positivos e negativos, é perceptível que, para a maior parte das concepções dos alunos terceiranistas, a literatura ajuda significativamente a aquisição de conhecimento, e esse conhecimento muitas vezes se remete a histórias do passado que os alunos não vivenciaram. Assim, podemos constatar que esse ensino vivenciado pelos alunos questionados contribui de maneira relativa tanto para a vida escolar como para a formação dos alunos enquanto sujeitos críticos e com visão de mundo ampliada a respeito de diversos assuntos trabalhados nas aulas de literatura.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ensino de literatura contribui significativamente para a formação do aluno/sujeito social, ou seja, tanto para a formação no âmbito escolar como em meio a sociedade, pois ela atua em nós como algo que é capaz de humanizar, nos tornando, a partir da leitura literária, mais capazes de compreender quem somos e como se organiza o mundo onde vivemos. Em vista disso, nosso trabalho objetivou analisar as concepções discentes de terceiranistas do Ensino Médio acerca das contribuições do ensino de literatura para a sua formação enquanto sujeito social.

Dessa forma, percebemos que, para a maioria dos alunos, o ensino de literatura tem sido significativo tanto para a formação leitora quanto para a formação social. Mas ainda foi possível perceber que, para alguns, esse ensino não é tão significativo, talvez falte estímulo e incentivo por parte da família ou por parte do(a) professor/escola.

A partir da análise do questionário, é possível afirmar que os nossos objetivos foram parcialmente alcançados. Pois, as concepções dos alunos terceiranistas acerca do ensino de literatura são satisfatórias, embora algumas respostas atribuídas ao questionário limitassem esse ensino apenas à escola. Percebemos ainda que mesmo de maneira implícita os alunos consideram a literatura importante para a sua vida, pois em várias respostas eles associaram o ensino de literatura ao contato com outras realidades e a aquisição de conhecimento. Isso significa que as leituras literárias proporcionam aos alunos viagens e emoções além da aquisição de conhecimento.

É importante discutir sobre esse tema porque ele contribui em vários sentidos de nossas vidas, especialmente durante o curso de Letras. É significativo para a nossa formação leitora e também para a nossa formação enquanto sujeito ativo na sociedade.

Diante de todas as considerações trazidas na elaboração e desenvolvimento desta pesquisa é possível afirmar que para que a literatura humanize é necessário que ela seja trabalhada adequadamente, em aulas dinâmicas que possibilitam aos alunos o contato com a diversidade de textos, para que, a partir dessa variedade, ele possa escolher os textos nos quais tem

mais afinidade e estão relacionados com a sua realidade. Quando as aulas são atrativas e de acordo com a realidade do aluno, o professor consegue despertar o gosto para lerem determinadas obras, fazendo com que as obras lidas e trabalhadas na sala de aula ultrapassem os limites da escola, podendo contribuir para que o aluno seja um cidadão que atua criticamente na sociedade.

Feitas estas considerações, acreditamos que nosso trabalho contribuiu ativamente para os estudos nas áreas sobre ensino de literatura, enquanto pesquisa que trabalha com discentes naquilo que pensam, fazendo-nos refletir sobre a prática em sala de aula, a forma como direcionamos a literatura na escola e o objetivo desta em formar cidadãos leitores.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Maria Margarida de. **Introdução à metodologia do trabalho científico**: elaboração de trabalhos na graduação / Maria Margarida de Andrade.– São Paulo: Atlas, 2009.
- CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. São Paulo: Duas Cidades, 1995.
- CARLETI, Rosilene Callegari. **A leitura**: um desafio atual na busca de uma educação globalizada. ES, 2007; Disponível em <http://www.univen.edu.br/revista>. Acesso em setembro de 2017.
- COSSON. Rildo. **Letramento Literário**: teoria e pratica / Rildo Cosson. – São Paulo, 2009.
- FREIRE. Paulo. **A importância do ato de ler(em três artigos que se completam)**. São Paulo, Autores Associados/ Cortez, 1982.
- JAUSS, Hans Robert et al. **A literatura e o leitor**: textos de estética da recepção. Seleção, coordenação e tradução Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.
- Leitura de literatura na escola** / Maria Amélia Dalvi, Neide Luzia de Rezende, Rita Jover-Faleiros, org, - São Paulo, SP: Parábola, 2013.
- MAGNANI, Maria do Rosário Mortatti. **Leitura, literatura e escola**: sobre a formação do gosto. 2. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. 19, ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- PAIVA, Aparecida, MARTINS, Aracy; PAULINO, Graça; VERSIANI, Zélia (orgs). **Leituras literárias**: discursos transitivos. Belo Horizonte: Ceale/Autentica, 2005.
- ZILBERMAN, Regina. **Estética da recepção e história da literatura**. São Paulo: Ática, 2009.

ANEXOS